



BRAZIL BUILDS E OS CONCURSOS DE ARQUITETURA: SÍNTESE DE UM CICLO

BRAZIL BUILDS AND ARCHITECTURAL COMPETITIONS: SYNTHESIS OF A CYCLE

BRAZIL BUILDS Y LOS CONCURSOS DE ARQUITECTURA: SÍNTESIS DE UN CICLO

EIXO TEMÁTICO: PROJETO, POLÍTICAS E PRÁTICAS

SOBREIRA, Fabiano

Arquiteto e Urbanista, Doutor em Desenvolvimento Urbano, Centro Universitário de Brasília
fabiano@contato.arq.br

RESUMO

Trata-se de breve análise sobre a presença dos concursos de arquitetura no célebre catálogo da exposição Brazil Builds, publicado em 1943. Preliminarmente, contextualiza-se o evento e a publicação em relação ao panorama político nacional e internacional. Em seguida, são destacados, de forma sintética, alguns projetos que integraram o catálogo e que foram resultantes de concursos ou que de alguma forma interferiram no caminho desses processos competitivos, realizados entre meados e final dos anos 1930. Ao final, são apresentadas algumas reflexões sobre a relação entre as exposições, as publicações, os concursos e a disputa por “capital simbólico” no campo da Arquitetura.

PALAVRAS-CHAVE: Brazil builds, concursos de arquitetura, projeto

ABSTRACT

It is a brief analysis about the presence of architectural competitions in the celebrated catalogue and exposition “Brazil builds”, published in 1943. Preliminarily, the event and the publication are contextualized according to the national and international political panorama. Following, some projects from the 1930s, which took part of the catalogue, related or in conflict with competitions, are briefly commented. Finally, some reflections are presented, about the relation between expositions, publications and competitions on the disputes of “symbolic capital” in the Architecture field.

KEYWORDS: Brazil builds, architecture competitions, architectural design.

RESUMEN

Se trata de un breve análisis sobre la presencia de los concursos de arquitectura en el célebre catálogo de la exposición Brazil Builds, publicado en 1943. Preliminarmente, se contextualiza el evento y la publicación en relación al panorama político nacional e internacional. A continuación, se destacan, de forma sintética, algunos proyectos que integraron el catálogo y que resultaron de concursos o que de alguna forma interfirieron en el camino de esos procesos competitivos, realizados entre mediados y finales de los años 1930. Al final, se presentan algunas reflexiones sobre la relación entre las exposiciones, las publicaciones, los concursos y la disputa por “capital simbólico” en el campo de la Arquitectura.

PALABRAS-CLAVE: Brazil builds, concursos de arquitectura, proyecto.

POLÍTICA E ARQUITETURA

Nos anos 1930, período marcado por importantes iniciativas estatais de modernização, a arquitetura brasileira foi convocada a se expressar, e o fez de diversas maneiras, sob variadas linguagens. Os concursos de arquitetura foram ao mesmo tempo celebrados e ignorados na contratação de projetos para a Nova República, ora privilegiando estilos acadêmicos, ora as experimentações da vanguarda, a depender de quem eram os atores ou quais os interesses em jogo. Trata-se de período de acirramento dos conflitos ideológicos domésticos e internacionais, de maneira que os eventos políticos e arquitetônicos no país e no exterior estiveram mais do que nunca relacionados, direta ou indiretamente.

Nesse contexto, é importante destacar o papel da exposição dedicada à arquitetura brasileira no MOMA – Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e do catálogo dela resultante: *Brazil builds*. O evento fez parte da política de aproximação dos Estados Unidos na América Latina, como meio de alcançar objetivos militares e econômicos, no contexto dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, em curso desde 1939 (SEGAWA, 1998; COMAS, 2010; SEGRE, 2013).

O *Brazil builds* foi, portanto, determinante para a difusão da arquitetura moderna brasileira nos meios editoriais internacionais e, inclusive, para a sua disseminação no país. Destacam-se, nesse período (conf. SEGAWA, 1998), as publicações das revistas *Architectural Review* (Inglaterra, n.567, março de 1944) e *L'architecture d'Aujourd'hui* (França, n.13/14, setembro de 1947) e *Architectural Forum* (Estados Unidos, n.11, novembro, 1947).

CONCURSOS NO *BRAZIL BUILDS*

No que se refere aos concursos de arquitetura, pode-se definir o *Brazil builds* como a síntese de um ciclo. Em meio às importantes obras publicadas como registros da vanguarda em construção no Brasil, destacam-se projetos resultantes de concursos ou que de alguma maneira interferiram no caminho desses processos competitivos, realizados entre meados e final dos anos 1930, dentre os quais se destacam: Ministério de Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1935); Associação Brasileira de Imprensa - ABI (Rio de Janeiro, 1936); Edifício Esther (São Paulo, s.d.); Estação de Hidroaviões Santos Dumont (Rio de Janeiro, 1937); Aeroporto Santos Dumont (Rio de Janeiro, 1937); Complexo da Pampulha (Belo Horizonte, s.d.) e o Pavilhão do Brasil em Nova Iorque (1938). A seguir, breve síntese sobre alguns desses eventos e sua presença no *Brazil Builds*.

Ministério de Educação e Saúde (Rio de Janeiro, 1935)

Em 03 de dezembro de 1935 foi publicada a Lei 125, assinada pelo presidente Getúlio Vargas, que estabelecia regras sobre a construção de edifícios públicos. O Artigo 5º definia: “Nenhum edifício público de grandes proporções, será construído sem prévio concurso para escolha do projeto respectivo.” No ano seguinte, a referida Lei seria desrespeitada pelo próprio governo, com a anulação do concurso para o Ministério de Educação e Saúde (MES), vencido pelo arquiteto Arquimedes Memória, e a entrega da encomenda, sem concurso, ao arquiteto Lucio Costa. A inovação que a vanguarda esperava do concurso não se apresentou, em grande parte devido às próprias limitações do edital do concurso, das normas urbanísticas, e à composição de um júri conservador, refratário às inovações.

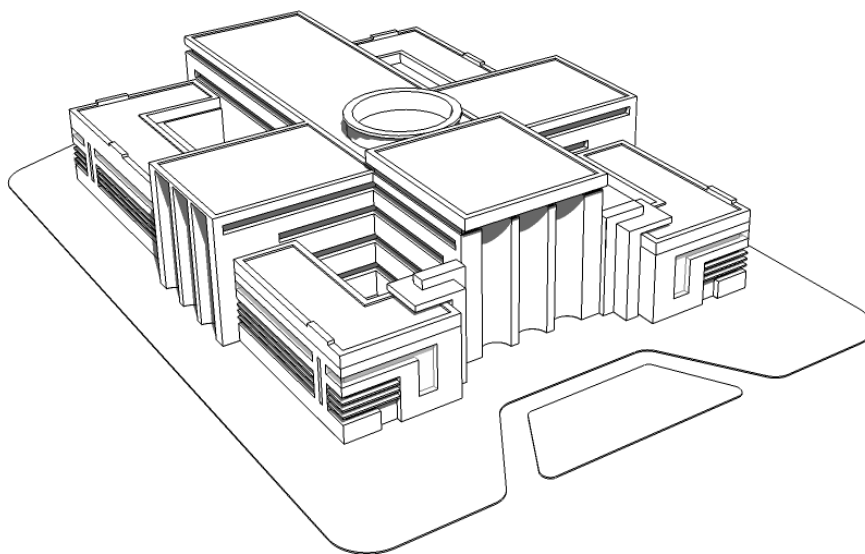


Figura 1: Projeto vencedor do concurso para o Ministério de Educação e Saúde (1935). Autor: Archimedes Memória Fonte: diagrama elaborado pelo autor

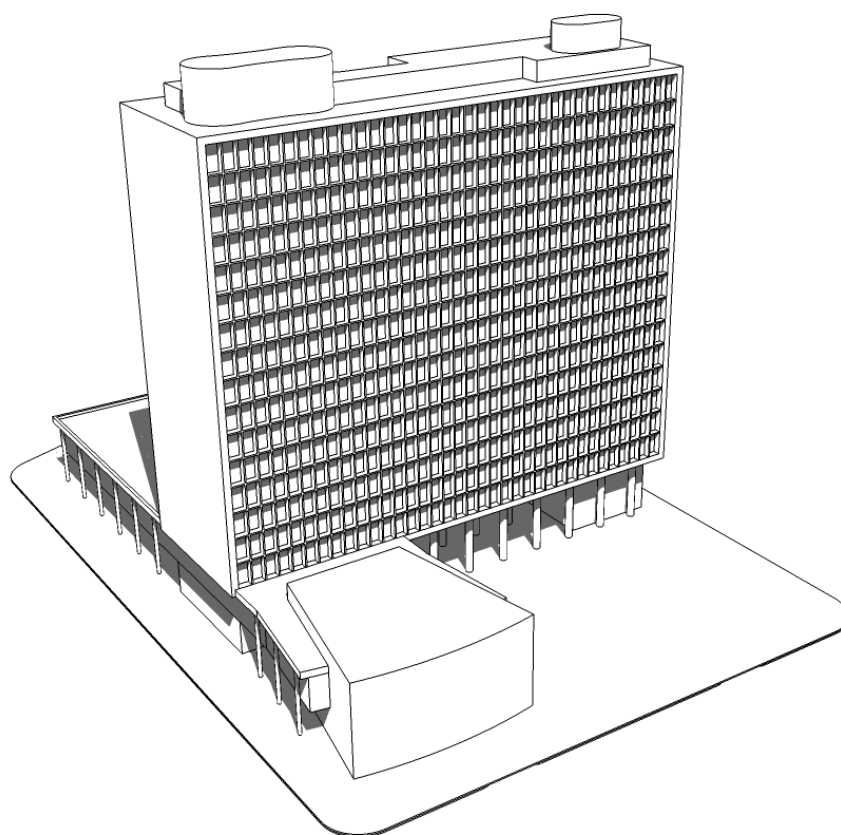


Figura 1: Projeto construído para o Ministério de Educação e Saúde (1936). Lucio Costa em colaboração com Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão, Jorge Moreira, Oscar Niemeyer e Ernani Vasconcellos, com a consultoria de Le Corbusier. Fonte: diagrama elaborado pelo autor

O episódio, amplamente registrado pela historiografia (CAVALCANTI, 1995; SEGRE, 2013, entre outros), pode ser interpretado sob pelo menos duas perspectivas: primeiro, o conflito entre a arquitetura de vanguarda e a acadêmica, como expressões simbólicas dos conflitos entre as políticas progressista e a conservadora, naquele momento; segundo, o insucesso do concurso como instrumento de contratação pública naquele contexto de crise e de confrontação, em que inovação e espírito democrático nem sempre estavam do mesmo lado.

O concurso do MES é um exemplo dos interesses em jogo na construção de um edifício público, especialmente em circunstâncias de conflitos de ideias e disputas de poder (tanto no campo da política quanto da profissão), como foi o caso. O projeto da equipe coordenada por Lucio Costa, com a colaboração conflituosa de Le Corbusier (SEGRE, 2013), se tornaria um dos cânones da arquitetura moderna brasileira e mundial, especialmente após sua publicação (em fase final de obra – o edifício foi inaugurado em 1944) no catálogo *Brazil builds* (GOODWIN, 1943).

Por outro lado, sob o ponto de vista contratação pública de projetos, trata-se do início do fim do concurso público de arquitetura no Brasil. Naquele momento, como em outros ao longo da história da arquitetura no país, o processo democrático do concurso não esteve ao lado da vanguarda, ou contrariou interesses em jogo, e seria ignorado ou derrotado em diversas ocasiões, seja pela insatisfação com o resultado, pela desconfiança dos gestores ou pela intriga dos próprios arquitetos. Conforme ressalta Segre:

A sede do MES expressa um paradoxo: representação formal e espacial de um sistema de valores democrático, foi criado no seio de uma ditadura. Símbolo do Estado Novo, de orientação fascista e anti-semita, foi concebido por arquitetos e membros da vanguarda artística sintonizados com a esquerda. (SEGRE, 2006, s.p).

As diferentes linguagens arquitetônicas dos concursos realizados no período foram expressões dos embates ideológicos e políticos travados no Brasil pós revolução de 1930 e, naturalmente, dos jogos de interesse no meio profissional e acadêmico. Seguindo a estratégia política de Getúlio Vargas, houve espaço para a vanguarda, como também para o conservadorismo. O concurso, enquanto instrumento, apesar da legislação favorável, saiu fragilizado nesse embate.

Sede da ABI (Rio de Janeiro, 1937)

No ano seguinte à realização do concurso para o MES, em 1936, e sob a influência dos conflitos em torno daquele evento, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) realizou concurso de projeto para a construção de sua sede, no Rio de Janeiro. Naquele mesmo ano Le Corbusier visitava o Brasil pela segunda vez. A intenção vanguardista do presidente da instituição, Herbert Moses, que teria afinidades com as ideias de Frank Lloyd Wright (BRUAND, 1981; PEREIRA, 2002), e o receio de ter como resultado do concurso propostas conservadoras, distantes da modernidade almejada pela instituição (com havia acontecido com o concurso do MES), levou a ABI a buscar meios de controlar o procedimento, em especial no que se refere ao julgamento.

Contrariando as premissas do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), o júri foi composto em sua maioria por membros da ABI. Vale ressaltar que por se tratar de instituição privada, a ABI não estava sujeita à legislação federal que obrigava a realização de concursos para obras públicas. Ainda assim, optou pela competição de ideias, em busca das desejadas soluções de vanguarda e, certamente, em busca de visibilidade institucional, apesar dos riscos envolvidos e do histórico recente do MES.

Os arquitetos Marcelo (28 anos) e Milton Roberto (22 anos) venceram o concurso. A construção da sede da ABI foi concluída em 1939. No catálogo *Brazil builds* foram destacadas, sobre o edifício, além das linhas modernas (parcialmente limitadas devido à configuração do lote e o contexto urbano), as soluções de proteção das fachadas.

Estação de Hidroaviões e Aeroporto Santos Dumont (Rio de Janeiro, 1937)

Em 1937 foram realizados dois importantes concursos no Rio de Janeiro, como parte da política de expansão da infraestrutura aeroviária do país e que se destacaram pelas propostas modernas: a Estação de Hidroaviões do Santos Dumont e o Aeroporto Santos Dumont. O concurso para a Estação de Hidroaviões teve como vencedor o projeto (destacado na capa do *Brazil builds*) da equipe composta por Atílio Correa Lima, Jorge Ferreira, Thomaz Estrella, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro. O projeto vencedor para o Aeroporto Santos Dumont é de autoria dos jovens irmãos Roberto (que haviam vencido, no ano anterior, o concurso para a sede da ABI, no Rio de Janeiro), destacando-se pela racionalidade e pela “marcante galeria longitudinal no miolo do edifício” (SEGAWA, 1998).

O desfecho dos dois concursos para o Santos Dumont foi pouco usual para a época, que em geral era marcada por embates profissionais, estilísticos e políticos. Ao contrário, foram dois concursos em que os projetos vencedores, de linhas modernas, foram construídos, sem contestações relevantes. Apesar das relativas dificuldades de materialização do Aeroporto Santos Dumont (parcialmente concluído em 1940) em relação à Estação de Hidroaviões (SEGAWA, 1998), pode-se afirmar que se trata de dois concursos com desfechos positivos, sem aparentes conflitos de julgamento ou rejeição dos patrocinadores, com ampla recepção editorial, em especial nas revistas internacionais, em decorrência do *Brazil builds*.

Conforme sugere Segawa (1998), por se tratar de programas em que a técnica e a funcionalidade eram aspectos dominantes, considerando que a aviação está associada a valores simbólicos de modernidade, as propostas de vanguarda – marcadas pela leveza e pela funcionalidade – prevaleceram nestes casos, sem questionamentos relevantes. Pode-se conjecturar, nesse sentido, que a diversidade de estilos do período esteve de certa forma associada às vocações temáticas, tal como assimiladas pelos promotores, públicos ou privados: soluções acadêmicas para os edifícios monumentais (tema em que as conquistas de vanguarda foram pontuais, como o MES); art-decô para as salas de cinema e teatro; neocolonial e outros “neos” para as residências unifamiliares (o moderno também era exceção nesse contexto); vanguarda moderna para aeroportos e outros elementos de exceção em que a racionalidade e a técnica eram condições.

Pavilhão do Brasil em Nova Iorque (1938)

Ainda na lista de obras resultantes de concurso que fizeram parte do *Brazil builds*, também em 1938 foi realizado o concurso cujo desdobramento ajudaria a consolidar a parceria e a cumplicidade de dois importantes nomes da arquitetura brasileira: Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Trata-se do concurso para o Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Nova Iorque, que antes mesmo da exposição do MOMA Nova Iorque e da publicação do catálogo, já fazia parte das aproximações mútuas entre Estados Unidos e Brasil, como parte da “política de boa vizinhança” promovida por Franklin Roosevelt. O programa incluía, além de espaços expositivos, convivência e lazer, estrutura de escritórios, serviço e de apoio.

O júri destacou, do projeto vencedor de Lucio Costa, a integração da rua com o pátio interno, a técnica moderna e o “espírito de brasilidade”. Do segundo lugar, de Oscar Niemeyer, destacou a “entrada franca, a funcionalidade e a economia” (COMAS, 2010).

Conforme amplamente registrado pela historiografia, Lucio Costa venceu o concurso mas convidou Oscar Niemeyer, para que desenvolvessem em conjunto uma nova proposta. Os dois realizaram, em parceria, o projeto que foi construído e divulgado internacionalmente, como um dos cânones da arquitetura brasileira, efêmero na materialidade, porém permanente em seu valor simbólico.

No caso do concurso para o Pavilhão de Nova Iorque, a lógica foi subvertida: o autor se converteu em júri e determinou a alteração das regras e o resultado do jogo:

Levei o Oscar comigo para Nova York a fim de elaborarmos novo projeto para o Pavilhão do Brasil na Feira Mundial de 1939, porque foi depois da vinda de Le Corbusier em 36, por iniciativa minha, que a sua criatividade se revelou subitamente, com grande força inventiva; entendi então que era o momento dele desabrochar e ser reconhecido internacionalmente. (...) O que estava em jogo era a boa causa da arquitetura. (COSTA, 1995, p. 194).

Complexo da Pampulha (Belo Horizonte, s.d.)

No caso de Complexo da Pampulha, a recepção editorial (tanto o Brazil builds quanto as revistas nacionais e internacionais) destacam o projeto e a obra como uma das primeiras expressões da genialidade brasileira. O episódio, porém, é raramente divulgado como o resultado de um concurso fracassado.

A notoriedade alcançada por Oscar Niemeyer em decorrência de sua atuação no projeto para o Ministério de Educação e Saúde e, em seguida, no Pavilhão Brasileiro em Nova Iorque, ambos com o apoio e a parceria de Lucio Costa, abriu caminho para que o arquiteto fosse convidado para realizar o projeto do Complexo da Pampulha, considerado pelo próprio Niemeyer como o marco inicial de sua carreira profissional (MACEDO, 2008). Foi Gustavo Capanema que o apresentou ao então prefeito Juscelino Kubitschek, contato que consolidaria não apenas a carreira de Oscar Niemeyer, como seria determinante para o insucesso do concurso de arquitetura no Brasil nas décadas seguintes. Afinal, certamente ponderavam os gestores: por que buscar a qualidade na incerteza de um concurso, se a genialidade estava ali, ao lado? O episódio da Pampulha é um exemplo típico desse dilema do gestor. Em 1975, em entrevista concedida à revista Módulo, Juscelino Kubitschek mencionou que antes de contratar Niemeyer havia realizado um concurso e se decepcionado com o resultado:

Indeciso sobre os caminhos a seguir, resolvi abrir um concurso, de forma a obter a cooperação dos artistas nacionais. Foi outro desapontamento - talvez, se se quiser, a segunda pedra no caminho. Revelaram-se inaceitáveis os projetos apresentados, quase todos vazados em estilo convencional, segundo os padrões dos edifícios públicos. Para se ter ideia, basta dizer que alguns - talvez pela popularidade, na época, do Cassino Hotel Quitandinha - apresentavam variações do mesmo estilo normando, verdadeira aberração em face do gênero fluido de beleza que, na Pampulha, extasiava os olhos. (KUBITSCHKEK, 1975, p. 15)

A AUSÊNCIA DE SÃO PAULO

De todas as obras relacionadas a concursos e citadas no *Brazil builds*, apenas uma foi realizada em São Paulo, e se trata de um concurso restrito, da iniciativa empresarial: o edifício Esther. Ao contrário do Rio de Janeiro (naturalmente, pela função de Distrito Federal), em São Paulo as encomendas públicas por meio de concursos eram escassas naquele período e a presença do Estado como indutor de soluções inovadoras foi menos decisiva. O projeto do edifício Esther, construído no centro de São Paulo, é de autoria dos então jovens arquitetos Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, vencedores do concurso (ambos com 27 anos à época), profissionais egressos das ENBA no Rio de Janeiro (participantes da greve em apoio a Lucio Costa em 1931). Trata-se de uma das primeiras expressões da arquitetura moderna em São Paulo e uma das primeiras edificações de uso misto em altura na cidade (comércio, serviço e residência).

A julgar pela abordagem editorial de sua principal revista de Arquitetura (*Acrópole*), os arquitetos de São Paulo pareciam alheios à “revolução” que se promovia por todo o país e que era disseminada pelo *Brazil builds*. Tal isolamento de São Paulo foi objeto de artigo publicado na *Acrópole*, na edição comemorativa do sexto aniversário da revista (n.73, maio de 1944). Naquele número foi publicado artigo intitulado “Brazil builds e os edifícios públicos paulistas”, em que o engenheiro-arquiteto Léo Ribeiro de Moraes apresenta duras críticas à arquitetura pública produzida em São Paulo e atribui a ausência de qualidade dos projetos (e consequentemente a falta de reconhecimento internacional da produção paulista) à não realização de concursos públicos:

... é lamentável que continuemos aqui em S. Paulo a perder excelentes oportunidades de fazer arquitetura, ao invés desses insípidos neoclássicos, coloniais e pseudo-modernos que têm sido feitos por aqui. Estas considerações nos ocorrem em face de uma série de obras projetadas e executadas pelo Governo do Estado ultimamente. Em todas elas o concurso dos arquitetos particulares foi amavelmente dispensado, mau grado os bons resultados alcançados pelas obras realizadas pelo Governo Federal que formam a maioria dos trabalhos no Brazil builds (RIBEIRO DE MORAES, 1944, p. 23).

O autor segue em sua crítica, destacando que o concurso é o instrumento para a obtenção da desejada qualidade das obras e propõe que o “Escritório Técnico do Estado” se limite a especificar e contratar, abrindo as portas para os concursos públicos de Arquitetura. E finaliza:

O programa de obras do Governo do Estado é vasto: Cidade Universitária, Escolas Primárias, Escolas Práticas de Agricultura, Caixas Econômicas, Hotéis, Hospitais, etc. Por que não realizar concursos? Estude o Sr. Interventor esta sugestão e verificará que dela só advirão vantagens para todos. (RIBEIRO DE MORAES, 1944, p.23).

A ausência de obras públicas de São Paulo no *Brazil builds* (e consequentemente das revistas internacionais) certamente serviu como um alerta para a necessidade de mobilização dos profissionais paulistas, que no mesmo ano (1943) fundaram o departamento local do IAB e passaram a dar mais atenção aos concursos públicos de arquitetura.

SÍNTESE DE UM CICLO: CONCURSOS DE ARQUITETURA E CAPITAL SIMBÓLICO

As exposições, as publicações (catálogos, livros e revistas) e os concursos de projeto são, historicamente, importantes meios de afirmação do capital simbólico no campo da Arquitetura (BOURDIEU, 1993; STEVENS, 2003) e reforçam a autonomia da ideia (e da “arquitetura potencial”, conforme sugere Chupin et al, 2015) em relação à materialização da obra.

Os concursos de projeto, assim como as exposições, são “arenas” ao mesmo tempo de convergência e de confrontação (SOBREIRA, 2018). Por se tratarem de processos baseados em “seleções”, estão diretamente vinculados às tomadas de posição, que resultam na exclusão de uns e exclusão de outros. Portanto, trata-se da disputa entre valores simbólicos, em determinado período e contexto. Naquele contexto, tratava-se do “moderno”. Nos anos 1930 e 1940, no Brasil, as exposições, as revistas e os concursos se destacavam como os principais veículos de afirmação do capital simbólico em Arquitetura, em um contexto de afirmação do campo profissional, ainda em formação (período em que surgem as primeiras escolas autônomas de Arquitetura, conforme FICHER, 2005).

O Brazil builds, nesse sentido, foi importante não apenas como afirmação da arquitetura moderna brasileira (que teve nos concursos um importante veículo de difusão), mas fundamental para a afirmação do campo profissional da Arquitetura, em um contexto de disputas e necessidade de afirmação coletiva. A presença dos concursos no Brazil builds revela a importância desses instrumentos em uma época de afirmação do campo profissional.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **The Field of Cultural Production**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1993.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

CAVALCANTI, Lauro. **As preocupações do belo**. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1995.

CHUPIN, Jean-Pierre. ; CUCUZZELLA, Carmela.; HELAL, Bechara. (Org). **Architecture Competitions and the production of culture, quality and knowledge**. Montreal: Potential Architecture Books, 2015.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COMAS, Carlos. “Feira Mundial de Nova York de 1939: O Pavilhão Brasileiro”. **Arqtexto**. Porto Alegre, n. 16, p. 56-97, 2010. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/03_CEC.pdf>

FICHER, Sylvia. **Os Arquitetos da Poli: Ensino e Profissão em São Paulo**. São Paulo: Fapesp - Edusp, 2005.

GOODWIN, Philip. **Brazil builds: Architecture New and Old 1652-1942**. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1943. Disponível em: <https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2304_300061982.pdf>

KUBITSCHKE, Juscelino. “Os caminhos da Providência. Entrevista”. **Módulo**. Rio de Janeiro, n. 41, dez. 1975. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

MACEDO, Danilo. **As obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais 1939-1955**. Brasília: Edições Câmara, 2008.

PEREIRA, Claudio. "Os irmãos Roberto e o edifício da A.B.I.: uma história da modernidade arquitetônica brasileira". **Arqtexto**, Porto Alegre n. 2, 2002. p.138-151.

RIBEIRO DE MORAES, Leo. "Brazil builds e os edifícios públicos paulistas". **Acrópole**. São Paulo, n. 73, mai 1944. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/73>>

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEGRE, Roberto. BARKI, José.; KÓS, José; VILAS BOAS, Naylor. "O edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936-1945): museu "vivo" da arte moderna brasileira". **Arquitextos**. São Paulo, n. 069.02, ano 06, fev. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.069/376>>

SEGRE, Roberto. **Ministério da Educação e Saúde. Ícone urbano da modernidade brasileira**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2013.

STEVENS, Garry. **O Círculo Privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica**. Brasília: Editora UnB, 2003.